

The image shows the cover of a publication. At the top, there is a black horizontal bar. Below it is a green rectangular area containing the title 'VÍCIOS' in large white letters. Above the title, a quote reads 'PESSOAS SEM VÍCIOS TÊM POUCAS VIRTUDES'. The background of the cover is a photograph of a coastal landscape. A modern, grey stone building is situated on a steep, green hillside. The sea is visible on the left side of the image, and the sky is blue with scattered white clouds.

PESSOAS SEM VÍCIOS TÊM POUCAS VIRTUDES

VÍCIOS

Como a água que corre

A Madeira, ilha do turismo de massas, ainda mantém alguns segredos bem guardados. Na Calheta, há lugares para descobrir com calma

TEXTOS ANA SOROMENHO

Gostamos da Madeira. A nossa Macaronésia do Atlântico Norte, situada entre a Europa e a África, com a sua vegetação exuberante a cair sobre o mar. Mal as portas do avião se abrem, o cheiro a temperatura quente e doce invade a atmosfera como uma promessa de consolo ameno como só a natureza consegue proporcionar. Sempre teve esta vocação a ilha. A vocação de atrair e receber. Primeiro vieram os turistas viajantes, presos no exotismo agreste das paisagens sublimes. Depois, já no decorrer século XIX, chegaram os pacientes para tratar as doenças pulmonares. Permaneciam longas temporadas com o séquito de acompanhantes, pois a fama do clima estável e a água das nascentes que corriam pelas montanhas, ricas em qualidades terapêuticas, impulsionaram assim o turismo medicinal. A fauna e flora autóctones, abundante em biodiversidade, a particular morfologia dos relevos montanhosos, assim como o destrute das atividades marítimas proporcionadas pela costa, sempre foram a grande atração da Madeira. E se num tempo em que cada vez mais as palavras ecologia e sustentabilidade fazem parte do glossário do tão procurado turismo-natureza, o movimento local tem-se empenhado em seduzir os visitantes, cuja tendência é fixarem-se na cosmopolita Funchal, para cada vez mais proporcionar ofertas para que se possa usufruir com tempo as concelhas rurais, até há poucas décadas de difícil acesso e isoladas do centro e, também por isso, mais preservadas.

É o caso da Calheta. Um dos concelhos mais extensos do arquipélago, que se expande pela frente marítima da costa sudoeste, cujo povoamento e produção agrícola remonta ao início do século XVI. Devido à sua exposição solar, o núcleo urbano da vila Calheta, situada no vale, é uma terra privilegiada pelo sol. Tem também a vantagem de estar muito próxima das zonas montanhosas e dos seus parques naturais, proporcionando inúmeras possibilidades de passeios por trilhos entre caminhos de água, desenhados por fontes naturais e pelo trabalho das levadas, enquadrados por miradouros de vistas panorâmicas. Entre eles escolhemos o parque do Rabaçal. O único planalto da ilha, que tem a maior ocupação de floresta Laurissilva, classificada pela UNESCO como Património Natural da Humanidade.

NO CORAÇÃO DA LAURISSILVA

Da vila da Calheta ao Rabaçal demora-se por estrada pouco mais de 15 minutos. Por ser um lugar abençoado pela abundância da água, aqui foi construída, em 1836, a primeira levada que teve direito a investimento estatal. Mas a história das levadas, esses extraordinários canais construídos manualmente para transportar a água de norte a sul do território, é tão antiga como a colonização da ilha. Começaram por ser traçadas no século XV, primeiro para regar as plantações de cana-de-açúcar, depois as vinhas para a produção do vinho Madeira. Hoje a rede das levadas conta com perto de 1400 quilómetros distribuídos desde a floresta Laurissilva até aos declives das encostas mais rochosas junto dos vales e da costa. Vale a pena espertar o espólio do Museu de Fotografia da Madeira — Atelier Vicente's do Funchal, que inclui uma bela coleção dedicada à construção desta colossal obra de engenharia



hidráulica, artesanal, cujo trabalho implicou num território tão adverso o trabalho árduo de milhares de homens.

Entre os vários percursos sugeridos — a saber, Lagoa do Vento, Levada do Alecrim, Rocha Vermelha, Caldeirão Verde —, escolhemos a Levada das 25 Fontes, que dizem ser um dos ex-libris do Rabaçal. Logo de manhã cedo, durante dois quilómetros e meio subimos, descemos e planamos entre estreitíssimas veredas com os pés bem assentes nos trilhos de basalto centenário, envolvidos por túneis de urzes tão antigas como o vento e parando em panorâmicas que subtilmente se abrem sobre as escarpas de mantos verdes intensos, no emaranhado das inúmeras espécies autóctones que compõem a Macaronésia da Madeira. Quase no final do percurso, somos brindados com o som cada vez mais forte das 25 nascentes que escorrem em cascata do lopo das montanhas. Já no regresso, perto do meio-dia, cruzamos com caminhanças na descida, cada vez em maior número. Para quem prefira o silêncio da floresta, existe a possibilidade de dormir e acordar dentro da Laurissilva. Num antigo abrigo florestal, transformado agora num pequeno bolso de charme. O Nature Spot Café, onde servem refeições ligeiras, e tem quatro bonitos quartos, que podem incluir no pacote jantar e pequeno-almoço, é o lugar privilegiado para passear na floresta, longe do tumulto dos turistas.

DA HORTA AO PRATO

Aproveitando o embeço da orografia e dos seus pronunciados declives, descemos até ao vale onde

se encontra a vila, para espertar o Socalco Nature Calheta. Inaugurado em 2020, este singular hotel aproveitou as linhas dos socalcos preexistentes, usados para o cultivo de vinhas e de hortas, para encaixar na pendente virada ao mar uma fileira de quartos construídos em basalto e vidro, mal se dando por eles no enquadramento da paisagem. Este é apenas um dos aspetos que torna tão particular o projeto do chefe madeirense Octávio Freitas, que o concebeu para incluir uma proposta de restauração com assinatura, totalmente dedicada à gastronomia local. Aqui, serve-se um guloso pão feito todos os dias no forno de lenha, assim como carnes assadas em temperatura lenta, e a carta é confeccionada diariamente a partir do que a terra dá. Todos os dias chega à mesa peixe e marisco do Atlântico, ovos colhidos nos galinheiros da vizinhança e os produtos colhidos pelos Jardinetos hortelãos, à porta dos quartos dos hóspedes. A horta é farta em produtos locais. Pitanga, belerraba, acelgas, batata-doce, tomate, couve, maracujá, banana, caril e braçadas variadas de aromáticas, cujo odor sobressai entre as linhas de rega nos pedaços de terra fresca. O conceito deste agroturismo, que se desenvolveu em torno da agricultura de socalco, é precisamente proporcionar ao cliente uma genuína proximidade da terra, para que, através de todos os sentidos, se possa sentir a ilha com vagar. Para completar a experiência (como agora se usa muito dizer) de *farming*, organizam-se aulas de cozinha com o chefe, assim como passeios gastronómicos e vinícolas pela encosta, onde se produz o Galatriza — um regionalismo local da palavra lagartixa

O Hotel Soalco Nature, situado na Calheta, conta com habitações de várias tipologias. Aos quartos standard juntam-se casas premium. Uma das mais interessantes é a Casa da Gruta (na imagem), com paredes rochosas visíveis e um pátio privado exterior



—, que é a primeira incursão de Octávio Freitas no universo dos vinhos.

ARTE E PAISAGEM

Mesmo para quem queira assentar arrais no Funchal, é obrigatória a visita à Casa das Mudas da Calheta, onde se encontra o Mudas — Museu de Arte Contemporânea da Madeira, dando à Calheta estatuto do mais importante polo cultural da ilha, onde além da área de exposições temporárias, inclui um auditório, uma vasta biblioteca e uma zona para ateliés e oficinas artísticas. Possui um importante acervo de arte contemporânea nacional, onde, entre outros, se incluem obras de Joaquim Rodrigo, Helena Almeida, José Escada, Fernando Calhau, Eduardo Batarida, António Palolo, Rui Chafes, Ilda David, Jorge Molder, Ana Hatherly, Pedro Cabrita Reis, Daniel Blaufuks, Fernanda Fragaletto ou Lourdes Castro, consagrada artista madeirense que ocupa atualmente a sala de exposições temporárias com uma importante mostra que lhe traça o percurso artístico e biográfico e tem por título “Como Uma Ilha sobre o Mar”.

O novo edifício do Mudas, anexado ao preexistente solar dos Cabrats, desenhado em 2004 pelo arquiteto madeirense Paulo David, é uma bela peça de arquitetura integrada na paisagem, que foi prémio europeu de arquitetura contemporânea Mies van der Rohe. As linhas de implementação da obra seguem a massa montanhosa como discreto corpo modelar, sublinhando a topografia do terreno quase ao limite da falésia, sugerindo um terraço construído sobre o mar. No interior, a relação com o território é sugerida em apontamentos de janelas horizontais, como

se, subtilmente, nos deparássemos com pequenos vistumbres poéticos do céu, da montanha e do mar. Tem vistas sublimes sobre o oceano e um par de binóculos colocados estrategicamente defronte do mar, onde, em dias límpidos, para deleite dos curiosos, se consegue ver o Inconfundível Jato de água que assinala a passagem dos cetáceos ao largo do oceano.

DENTRO DE ÁGUA É UM BRINDE AO SOL

Atamadas pelos desportos náuticos, sobretudo pela observação de flora e fauna de espécies marítimas, as águas da Madeira, de temperaturas cálidas e grande profundidade, são um paraíso para os mamíferos que atravessam o oceano em migração. Além de golfinhos de várias espécies, dos lobos-marinhos e das orcas, podem-se avistar ao largo da costa 18 tipos de baleias. Foi precisamente com a vontade de sermos brindados com a presença destes colossos marinhos que subimos para um dos semirrigidos da empresa H2O, lançando-nos por um par de horas sobre o azul intenso do oceano, à espera de ver emergir das águas o mítico animal. Mal chegáramos ao porto da Calheta, fomos avisados que na véspera, bem perto do barco, se atravessara uma baleia-azul — o maior animal de mundo e, ao que parece, raro de avistar. A verdade é que também nos informam que, segundo confirma o vigia que em terra dá apoio aos marinheiros para os avisar da presença de cetáceos, a maré já não estava de feição. Sem a mesma sorte da véspera, o nosso passeio valeu pela visita súbita de um casal de golfinhos que gentilmente nos deu o ar da sua graça, e pela visão desta majestosa terra percorrida em afável navegação. Ficámos também a saber que são as empresas de navegação para observação de cetáceos que fazem o importante trabalho de limpeza e resgate de espécies feridas, que recolhem para serem tratadas e observadas por equipas de salvamento, contribuindo assim para um trabalho cada vez maior de sustentabilidade e ecologia no arquipélago.

Ao cair da tarde, já com os pés novamente em terra e o olhar posto no mar, procuramos um posto de afável contemplação. Consta que o pôr do sol é um dos momentos altos na Calheta, onde o visitante é presenteado com o espetáculo da estreita do dia que aqui se funde na água para dar lugar à Lua. Entre as várias dicas que abundam nos guias locais para a observação deste acontecimento que desde tempos imemoriais movimentava tribos de adoradores, escolhemos recostar-nos num dos sofás do terraço do Hedonist Saccharum Resort Design, que tem este nome devido às várias propostas de um turismo vocacionado para o usufruto e relaxamento, em redor do seu sofisticado spa. O interior é de quase penumbra, sugerida pelas cores dos revestimentos, entre os castanhos terra e o mel, cuja decoração é alusiva à produção de cana-de-açúcar, em memória de um antigo engenho de fabrico de aguardente que existiu neste lugar. Subimos ao sétimo andar para alerrar na ampla varanda, que faz lembrar a amurada de um navio parado no meio do oceano. O ambiente é de langor, a música suave. De copo e telemóvel na mão, os turistas apontam o horizonte prontos a captar o ocaso. E eis que surge. E logo passa. Deixando por um breve instante um rasto de laranja muito forte a tingir o céu. ●

O Expresso viajou a convite da Secretaria Regional do Turismo e Cultura da Madeira

LUGARES A NÃO PERDER

LEVADA DAS 25 FONTES

É um dos trilhos mais bonitos do Rabaçal, dentro da floresta Laurissilva. Seguindo a linha de água da levada, tem uma extensão de cerca de quatro quilómetros e duração prevista de três horas, num percurso que tem início na estrada regional 105.

RABAÇAL, NATURE SPOT CAFÉ

Localizado na Casa de Abrigo do Rabaçal, é o ponto de partida para a Levada das 25 Fontes, tem quatro quartos e a estada inclui jantar e pequeno-almoço. A cafetaria, aberta ao público entre as 9h e as 17h, inclui refeições ligeras.

SÓCALCO NATURE CALHETA

A aposta deste pequeno hotel situado a 700 metros da praia da Calheta, que tem assinatura do chefe madeirense Octávio Freitas, é proporcionar uma experiência de *farming* num turismo rural. Os quartos têm vista para a montanha e o mar e uma pequena horta à porta. O menu é confeccionado diariamente pelo chefe e o restaurante está aberto ao público mediante reserva, assim como cursos de cozinha e passeios à gastronomia local.

MUDAS — MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

É um dos edifícios mais emblemáticos da ilha, premiado internacionalmente pela sua integração na paisagem. Até outubro, recebe “Como Uma Ilha sobre o Mar”, de Lourdes Castro, uma vasta exposição dedicada à artista. Estrada Simão Gonçalves Câmara, 37, Estreito da Calheta, está aberto de terça a quinta das 9h30 às 13h e das 14h às 17h. Sexta e sábado encerra às 17h30.

H2O MADEIRA

Organiza observação de cetáceos, com apoio de um vigia, passeios pela costa e mergulhos no oceano. O ponto de encontro é no Porto de Recreio da Calheta, 9370, e aceitam-se marcações pelo tel. 965 104 018.

SACCHARUM HOTEL RESORT & SPA

Escondido numa escarpa, onde se albergava um antigo engenho de fabrico de aguardente de cana-de-açúcar, situado a poucos metros da praia da Calheta, este hotel de cinco estrelas foi pensado para ser um lugar puramente hedonista e tem fama de ter um dos melhores spas da ilha, com piscinas e terraços soberbos sobre o mar. Rua da Serra d'Água, nº 1, 9370 - 087 Calheta.